

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** VIII Seminário de Inovação e Tecnologia

**ESCOLA E EDUCAÇÃO POPULAR: UMA CONSTANTE BUSCA PELA  
(COM)VIVÊNCIA DEMOCRÁTICA<sup>1</sup>  
SCHOOL AND POPULAR EDUCATION: A CONSTANT SEARCH FOR (WITH)  
DEMOCRATIC EXPERIENCE**

**Milton César Gerhardt<sup>2</sup>, Walter Frantz<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa em andamento de doutorado

<sup>2</sup> Doutorando PPGEC Unijuí

<sup>3</sup> Professor do PPGEC

**Introdução**

Pensar na escola é pensar o sujeito que nela está inserido. A escola dá conta de acolher o jovem excluído da sociedade? Quem é o jovem do século XXI? A questão desafiadora é compreender o estudante, que tem ou vê na escola uma possibilidade de ser ouvido e compreendido, enfim, uma possibilidade de inclusão social. No entanto, muitas vezes, a escola tem sérios problemas em saber e poder acolher e se relacionar com um jovem desprezado pela sociedade, que o coloca à margem dentro das inúmeras oportunidades que poderiam ser geradas.

Diante disso, proponho refletir sobre a escola como um lugar de fazer ciência, a partir da educação popular. Em termos amplos, a educação popular pode ser entendida como caminho didático-pedagógico estratégico, no sentido de oportunidade e possibilidade de inclusão social do jovem marginalizado, seja pela construção de conhecimentos, seja por seu reconhecimento e sua afirmação como sujeito.

A Educação Popular tem nas margens o seu habitat, as quais, em primeiro momento, *escapam* como lugar de conhecimento formal, mas que acaba por se tornar relevante à medida que provoca releituras do cenário social. Escreve Edla Heggert (2013, p.144) que “as margens são simultaneamente as rebeldias necessárias presentes nos movimentos bem visíveis, comprometidos com as transformações no mundo”. A incorporação das margens acontece como processo pedagógico, de continuidade do pensar sobre o caminho do conhecimento e da ciência. Aquilo que, num primeiro momento, pode causar certo estranhamento por contrapor o hegemônico acaba por contribuir à reflexão crítica.

Quando falamos em escola, necessariamente, entra toda a discussão do cenário escolar, tais como as políticas de democratização do acesso, ou seja, um comprometimento com as possibilidades de construção de conhecimentos, de realidades melhores que as presentes, na história de cada estudante. Isto é, a escola se faz um lugar de ciência, à medida que refletimos, escrevemos, registramos e obtemos conhecimentos a partir daquilo que fica disperso e esquecido, na maioria das vezes, inclusive, no contexto da educação.

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** VIII Seminário de Inovação e Tecnologia

Boaventura de Souza Santos (2007) provoca à reflexão sobre o desafio do desperdício das experiências, que acontecem nos países colonizados e que têm dificuldade de se contrapor ao hegemônico que se impõe do Norte. “O primeiro desafio é enfrentar esse desperdício de experiências sociais que é o mundo; e temos algumas teorias que nos dizem não haver alternativa, quando na realidade há muitas alternativas” (SANTOS, 2007, p.24). Segundo o autor, temos no mundo uma diversidade epistemológica inesgotável. O dilema é que nossas categorias são muito reducionistas, ou seja, por toda tradição de colonização falta, por um lado, o reconhecimento das assim chamadas ações rebeldes ou das ações conformistas as quais temos dificuldade em diferenciar. Muito provavelmente a razão metonímica nos dificulta perceber ou mesmo enxergar o que é e onde está o hegemônico, por que contrai, diminui o presente e dificulta perceber a totalidade dividida ou mesma feita em partes.

### **Pensar o sujeito da Escola**

O desafio, a partir de diferentes enfoques e temáticas, é o de procurar dialogar a respeito de quem são os sujeitos que chegam ao ensino médio ou mesmo à universidade e que revelam dificuldades em entender ou até mesmo de ouvir os professores, bem como de fazer leituras sobre si e acerca da realidade mais ampla da qual são parte. A questão não é no sentido de achar culpados, a exemplo do que os meios de comunicação, através de seus “especialistas” em educação, costumam fazer. Vemos nesses “experts” uma tentativa, por vezes, bem-sucedida (ou seria malsucedida?), de avaliar o desempenho da escola, fazendo o “jogo dos culpados”, ou seja, apontando um “bode expiatório” que fica incumbido de carregar a culpa dos problemas existentes. Não que não existam responsáveis pelo o que ocorre; todavia, a problemática geralmente é mais complexa do que as análises parciais e fragmentadas acabam sendo apontadas.

Um primeiro passo, a fim de compreender a realidade que desencadeou uma crise *da e na* educação escolar é constatar que o “problema” não se reduz nem apenas aos jovens nem apenas à escola e aos seus professores. É fundamental superar essa tendência de apontar um “culpado” de um relacionamento, por vezes, problemático, evitando cair numa espécie de círculo vicioso, que, simplesmente, remete as dificuldades de um lado para o outro. Seria ilusório acreditar que, assim, estaríamos enfrentando a complexidade dos desafios cotidianos. Não podemos esquecer que a instituição escolar e os atores que lhe dão vida, professores, alunos, gestores, funcionários, familiares, dentre outros, são parte integrante da sociedade e expressam, de alguma forma, os problemas e desafios sociais mais amplos.

### **Acenos de alternativas e esperanças possíveis**

Nosso contexto histórico nos remete a termos dificuldades de ver alternativas ou mesmo esperanças como possibilidades e resultados; por isso, surge a necessidade de repensar acerca do lugar de onde nós olhamos o mundo. Perceber que a luta pela democracia se faz como indispensável, talvez, mais importante do que em outras épocas da história pelas conquistas que

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** VIII Seminário de Inovação e Tecnologia

foram obtidas recentemente e que contem riscos. Boaventura de Souza Santos (2007) propõe uma democracia de alta intensidade, que não seja apenas representativa, pela qual, de tempo em tempo, o cidadão ajuda a escolher algum sujeito que se apresenta como seu possível representante. O desafio da Escola é o de construir e defender este espaço como um lugar de uma democracia participativa onde as pessoas estejam envolvidas nos diferentes processos de construção coletiva. A escola não é democrática na sua essência. A democracia acontece somente com espaços de real e efetiva participação. Democracia é um exercício permanente que necessita ter uma identidade própria de desdobramentos inimagináveis, talvez, no início, quando tensionamentos são parte do processo de aperfeiçoamento.

O tema da democracia em Boaventura de Souza Santos aparece como um tema que se apresenta como uma alternativa. Segundo o autor, a democracia está emergindo do Sul, mas sua produção, enquanto reconhecimento, está ainda sendo produzida no Norte. Muito provavelmente o que de mais significativo aconteceu no século XX é a emergência da democracia, que passou a ocupar lugar central no campo da política. O autor, na condição de pesquisador social de países com democracia emergente, ajuda a pensar a democracia que emerge do Sul não como algo que, historicamente, vem sob domínio dos países do hemisfério Norte. Tendo alguns países um período considerável de democracia, a questão que surge e que aponta para o problema que se coloca agora é sobre o significado de democracia, enquanto à forma e a sua variação. Como compreender o papel da democracia a partir de uma compreensão que poderíamos chamar de concepção hegemônica?

Boaventura de Souza Santos (2009, p.42) aponta para a questão da “terceira onda de democratização”, que insiste na questão da democracia de baixa intensidade na qual as práticas democráticas são questionáveis. Trata-se daquela prática à qual o eleitor é convocado a votar e assim cumprir com seu papel de eleger o seu representante, não mais se envolvendo em prática alguma de cobranças de suas escolhas em espaços que acabam por decidir em leis que envolvem a todos os cidadãos e cidadãs. A prática democrática que se impõe do Norte e quase que obriga os países do Sul dar continuidade é o embate entre democracias populares versus democracias liberais.

O papel da democracia, ao longo do século XX, segundo o autor, ficou bastante restrito a duas formas de hegemonia. A primeira aborda a suposição de que o debate europeu do período entre guerras foi o abandono da mobilização social e da ação coletiva na construção democrática e a segunda, trata de uma solução elitista do debate sobre a democracia sem muito espaço para mecanismos societários de participação.

Em ambos os casos, a forma hegemônica da democracia, a democracia representativa elitista, propõe estender ao resto do mundo o modelo de democracia liberal-representativa vigente nas sociedades do hemisfério norte, ignorando as experiências e as discussões oriundas dos países do Sul no debate sobre a

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** VIII Seminário de Inovação e Tecnologia

democracia. (SANTOS, 2009, p.43)

A concepção hegemônica da democracia, ao abordar o problema da representação, ignora que a representação envolve ao menos três dimensões: o da autorização, a da identidade e a de representação de contas. A representação por si só não garante o todo da sociedade, pois os interesses do parlamento, por exemplo, podem ser muito específicos comparados à grande massa de cidadãos que o ajudaram a se eleger. O reconhecimento da diversidade/pluralidade humana acontece à medida da ideia de bem comum, mas também a partir de critérios de ênfase de uma nova gramática social e cultural no entendimento da inovação social articulada numa nova institucionalidade da democracia. (SANTOS, 2009)

A reinvenção da democracia participativa dos países do Sul surge como uma grande alternativa e está intimamente ligado aos recentes processos de democratização pelos quais passaram esses países com diferentes realidades, mas que sofreram amargamente com ditaduras de todos os sentidos. A ampliação democrática de modo especial aqui no Brasil, mas, em outros países emergentes como África do Sul, Moçambique, Colômbia, Índia, Portugal, acabaram contribuindo no processo de redefinição do seu significado cultural ou da própria gramática social vigente.

Assim, todos os casos de democracia participativa estudados iniciam-se com uma tentativa de disputa pelo significado de determinadas práticas políticas, por uma tentativa de ampliação da gramática social e de incorporação de novos atores ou de novos temas à política [...] Durante o processo brasileiro de democratização e de constituição de atores comunitários surgiu de modo semelhante à ideia do “direito a ter direitos”. (SANTOS, 2009, p.56)

Trazendo para as diferentes reflexões, as realidades emergentes mostram que apesar das muitas diferenças entre os vários processos políticos, todas elas acabam por questionar e se apresentam como teoria contra-hegemônica da democracia. Os diferentes ou mesmo, novos atores que implantaram as experiências de democracia participativa colocam em questão uma identidade que lhes fora atribuída como possibilidades de propor alternativas a questões de ordem inclusiva. “As novas democracias devem, se tal perspectiva estiver correta, se transformar em novíssimos movimentos sociais, no sentido que o estado deve se transformar em um local de experimentação distributiva e cultural” (SANTOS, 2009, p.77).

As originalidades e as novas formas de experimentação que acabarão por potencializar o conjunto das novas emancipações, que pode ser a do sujeito, mas, de modo especial, a da sociedade, que reconhece nos cidadãos a grandeza social que forma a capacidade humana de inventar, de criar e vai se aperfeiçoando à medida que há um reconhecimento. Nesse sentido, o autor (2009) aponta para três teses que poderão contribuir no fortalecimento da democracia participativa. A primeira é o fortalecimento da demodiversidade, ou seja, que pode haver muitas experiências de democracia. A segunda tese aponta para o fortalecimento da articulação contra-hegemônica entre o local e o

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** VIII Seminário de Inovação e Tecnologia

global. E a terceira tese remete o ampliar do experimentalismo democrático.

Sendo a escola um lugar de constante busca por espaços de convivência democráticos, mas, como um lugar de muitos desperdícios de experiências, cabe a todos os cidadãos de modo especial, professores, uma busca continuada pela legitimação dos espaços educacionais. A escola como um lugar de tensionamentos constantes acaba sendo um reflexo da sociedade que, cotidianamente, precisa ressignificar sua tarefa e atualidade de estar/ser no mundo. Dessa forma, ao atualizar seu existir se dará conta da tarefa desafiadora que é a (com)VIVÊNCIA humana, que não está dado, mas, necessita ser buscado cotidianamente.

**Palavras Chave:** Democracia; Cidadania; Escola.

#### **Referências**

EGGERT, Edla. As muitas margens da Educação Popular. IN: STRECK, Danilo. Educação Popular: Lugar de construção social coletiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SANTOS, B. S. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Boaventura S. *Democratizar a Democracia: os caminhos da democratização participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.